

11050 - O trato feminino do quintal: uma experiência de transição agroecológica – Diamantina/MG 2011

The female care of the garden: an agroecological transition experience – Diamantina/MG 2011

SANTOS, L.M.O¹; CARVALHO, M.A.²

1 UFVJM, lindamarcal@yahoo.com.br; 2 UFVJM, marivascarvalho@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho trata da sistematização da experiência de transição agroecológica numa propriedade de agricultura familiar, situada na comunidade de Poço D'água, município de Turmalina, Alto Jequitinhonha (MG). Essa sistematização foi feita, principalmente, sob o olhar de uma mulher (agricultora e artesã) – protagonista desta experiência – através da construção de uma linha do tempo, da qual os/as outros/as integrantes da família também participaram. Este trabalho permitiu uma reflexão a cerca dos diversos trabalhos tradicionalmente desenvolvidos por mulheres agricultoras, sua relação como o meio ambiente e seu papel na construção e promoção de práticas agroecológicas. Dimensiona-se a importância da atuação feminina nas atividades produtivas, muitas vezes, diretamente relacionada com a segurança alimentar.

Palavras – Chave: Agroecologia, atuação feminina, segurança alimentar.

Abstract

This work covers the systematization of one experience of agroecological transition with a rural family, located in community called Poço D'água, Turmalina, Alto Jequitinhonha (MG). This systematization was elaborated principally from the perspective of a woman (farmer and artisan) – protagonist of this experience – by building a timeline, from which other family members also participated. This work took us to a discussion about the various duties traditionally carried out by women farmers, their relationship to the environment and its role in the construction and promotion of agroecology practices. It is scaled the importance of female engagement in the productive activities, often directly related to food security.

Key – words: Agroecology, role of women, food security.

Contexto

Este trabalho foi realizado na propriedade onde moram D. Anísia, o Sr. Mauro e seus filhos, situada na comunidade de Poço D'água, zona rural do município de Turmalina – Minas Gerais. Turmalina se encontra no Alto Jequitinhonha, entre os meses de abril a julho de 2011.

Considerada como uma das regiões mais pobres do Estado de Minas Gerais, o Vale Jequitinhonha é uma região onde há forte predominância da agricultura familiar. As famílias de agricultores/as, que ao longo de um processo histórico de ocupação das chapadas por grandes plantios de eucalipto, foram “empurradas” limitando sua sobrevivência às chamadas grotas, tiram parte significativa de sua alimentação dos seus

quintais, muitas vezes chamados de quintais agroflorestais, que são espaços produtivos cuja gestão está tradicionalmente sob o controle das mulheres, fato que se reafirma no caso estudado.

O principal objetivo deste estudo foi sistematizar a experiência de transição agroecológica da família de D. Anísia e Sr. Mauro proporcionando reflexões a cerca do papel das mulheres na construção da agroecologia, e com isso dar visibilidade às experiências protagonizadas pelas mesmas.

Descrição da experiência

“A utilização de métodos participativos é ideal para reflexão coletiva, produção do conhecimento, valorização dos saberes e registro fidedigno e coerente do valor das informações obtidas.” (SOUZA, 2006, p.2.)

Com base nesse pensamento, a metodologia utilizada foi a construção de uma linha do tempo com a D. Anísia e participação do Sr. Mauro. Este método se constitui na descrição dos acontecimentos mais marcantes vivenciados pela família, organizados em ordem cronológica, o que permitiu a reconstrução da história de transição agroecológica na propriedade. Assim, foi possível o resgate de conhecimentos, saberes, e histórias que se constituíram num registro da memória oral qualificada pelos dois.

Foram realizadas também entrevistas semi-estruturadas, para complementação do relato feito na linha do tempo e maior detalhamento dos eventos citados como marcantes na linha do tempo. Estas entrevistas foram direcionadas por D. Anísia.

A experiência de transição agroecológica na propriedade de D. Anísia teve início em 1997, quando o Sr. Mauro, marido de D. Anísia, foi convidado a conhecer o trabalho do Centro de Agricultura Vicente Nica (CAV), e participar do curso de Agrossilvicultura para monitores proposto pelo mesmo. O CAV é uma organização não governamental, sediada em Turmalina e fundada em 1994 para assessorar organizações sociais da agricultura familiar na busca de uma forma de desenvolvimento que seja sustentável para a região. As idéias discutidas no curso foram compartilhadas em casa com a proposta de aplicar as técnicas estudadas. Um ano depois D. Anísia foi convidada a participar do mesmo curso para mulheres esposas dos agricultores. A partir deste momento, o casal resolveu deixar de lado o antigo sistema de plantio tradicionalmente utilizado por agricultoras e agricultores do Alto Jequitinhonha, chamado por elas/eles de método de coivara, no qual “o chão era sempre limpo” (D. Anísia).

Inicialmente escolheram, para começar, uma área bem distante do quintal da casa porque lá havia algumas árvores. Roçaram o local, aproveitaram a lenha mais grossa, picaram o mato mais fino e espalharam-no pelo chão para se transformar em esterco (primeira adubação). Trabalharam duro nessa terra por dois anos, e a pesar de todos os esforços e cuidados, nem as plantas adubadeiras conseguiram se sair bem, porque o solo é muito pedregoso, “a terra muito dura”, difícil de manejar e a água escassa. Mesmo com todas as dificuldades encontradas, os dois não desistiram, porém, ainda tinham dúvidas se tudo isso daria certo.

A maior dificuldade naquele momento foi entender o novo sistema de produção, esse novo jeito de se fazer agricultura que é a agrofloresta, pois de acordo com os seus

princípios, o ideal é imitar o que a natureza faz da maneira mais próxima possível para se obter maior estabilidade dentro do agroecossistema. Observando o comportamento da natureza pode-se fazer mais rápido o trabalho de recuperação através do plantio diversificado.

O que fez D. Anísia e o Sr. Mauro continuarem acreditando nessa idéia foi uma visita à propriedade do Sr. Luiz, agricultor da comunidade do Gentio, junto com outros monitores, onde puderam observar como o solo estava bem adubado mesmo sem o uso de adubação química. Havia grande quantidade de milho plantado e muito bem nutrido, usando somente adubo orgânico, e ainda um pequeno pomar.

Após a visita, o casal resolveu prosseguir com a experiência, só que dessa vez em outra área. Refizeram o novo sistema mais próximo da casa, aproveitando uma parte do pasto que era próximo. Houve também uma visita na propriedade do Sr. Antônio, agricultor da comunidade de Gentio, ele fazia proteção da terra com folha de bananeira e esterco. Nos lugares que estavam protegidos há mais tempo era possível perceber como o solo se mantinha úmido por vários dias. “Quando ele espremia um punhado de terra a mão dele ficava molhada, a água escorria pelos dedos”.

A partir de então, começaram novamente os trabalhos na área do pasto. Com a terra ainda molhada foi feita a destoca da braquiária que era abundante (arrancaram até a raiz) e abafaram com “cisco” aproveitado da capina do quintal, deixando a área em descanso por dois meses até o ponto de “bater o capim” (incorporar ao solo) e quebrar os torrões. O capim elefante foi plantado fazendo uma curva de nível no terreno e a poda era feita duas vezes por ano para adubar o solo. Colocaram mais algumas espécies adubadeiras como feijão de porco, andu e leucena. A partir daí introduziram algumas frutíferas: bananeiras e o café. Muitas dessas mudas foram doadas pelo CAV, como meio de incentivo. O milho e o feijão entraram um tempo depois, após algumas podas para entrada de luz. Em seguida plantaram mudas de urucum, acerolas, laranjeira e mamão. Estas contribuíram, mais tarde, com sombreamento da área, e junto com a cobertura do solo abafaram o crescimento da braquiária que existia anteriormente.

Nos primeiros anos de implantação do sistema agroflorestal, após as chuvas – “depois que passaram as águas” – utilizaram um sistema de gotejamento feito com garrafas pet, no qual as garrafas eram viradas de tampa para baixo e amarradas no tronco de cada planta, enchem as garrafas com água e desenroscava um pouco a tampa para gotejar, sendo colocada uma garrafa por planta. Esse sistema é utilizado ainda hoje durante os meses mais secos, o que garante a umidade suficiente para sobrevivência das plantas sem haver desperdício da água que é escassa na região.

Numa outra parte do quintal foram feitos os plantios da mandioca, do milho, abóbora, e do feijão, que necessitam de pouca sombra. Essa área hoje já faz parte do quintal agroflorestal. Existe também uma área específica para a cana-de-açúcar que é utilizada para alimentar as vacas e novilhas que possuem.

Com o passar do tempo e o desenvolvimento do SAF, prosseguiram com o manejo fazendo a poda dos galhos das frutíferas para manter a entrada necessária de luz, os galhos pequenos são picados e distribuídos sobre o solo contribuindo na manutenção da cobertura e adubação, e os maiores são aproveitados como lenha. Nos períodos mais

secos foi necessário aguardar todo o sistema, pelo menos nos primeiros anos até que este chegasse a ponto de maior estabilidade controlando as perdas de água.

Todas as plantas escolhidas têm um porque de estar onde estão, cada árvore plantada tem uma função naquele local que ocupa. Tudo foi pensado de forma a facilitar o trabalho dentro da área. Por exemplo: o quintal agroflorestal se localiza nos fundos da casa mais perto da cozinha, o que facilita para jogar os restos de comida para as galinhas; as vacas e as novilhas ficam num pequeno curral situado numa área acima da casa, o que facilita para descer com o esterco para o quintal; o galinheiro foi construído ao redor das árvores de acerolas, proporcionando sombra e alimento para as galinhas. Numa área mais distante, onde ainda se tem mata nativa encontra-se um pequeno apiário, que produz o suficiente para consumo interno e ainda conta com o ótimo trabalho de polinização feito pelas abelhas em toda a área.

Estas atividades, em grande parte do tempo são conduzidas por D. Anísia, principalmente, considerando que o Sr. Mauro fica longos períodos fora da comunidade. Ele, assim como outros homens do Vale do Jequitinhonha, se retira para várias localidades do Brasil para trabalhar na construção de gasodutos, no intuito de responder as necessidades econômicas de sua família. Devido a este período de ausência, a manutenção dos quintais se torna uma das atividades econômicas da mulher rural no Vale do Jequitinhonha. Os quintais são espaços econômicos voltados para uma sustentabilidade alimentar, porém também são espaços estéticos, e esta questão da estética espacial leva a um sentimento de pertencimento ao lugar, de carinho, de se sentir bem, como demonstrado pelos estudos de topofilia. Porém, constatamos nesta experiência de vivência, que a presença da mulher é fundamental na constituição de uma sensibilidade no trato com a terra.

A propriedade é bem diversificada, aproveitam-se ao máximo todos os recursos naturais disponíveis. Um dos pontos fundamentais que D. Anísia fez questão, e considerando a escassez de água na região, foi o direcionamento da água que sai do tanque de lavar roupas para ser reaproveitada regando as bananeiras e laranjeiras no fundo da casa, e a água que sai da torneira da pia da cozinha é direcionada para as bananeiras ao lado da casa. Essa água mantém parte do quintal úmido por bastante tempo.

O detalhe que mais chamou a atenção da D. Anísia, em especial, foi a mudança que ocorreu no solo. “O chão que era duro e limpo agora ficou até macio”. Após a implantação do SAF na área do quintal o solo se manteve úmido por muito mais tempo, observa D. Anísia, “a terra não seca tão rápido por causa da sombra das árvores”.

Sempre que os manejos agrícolas são realizados conforme as características locais de cada ambiente, alterando-as o mínimo possível, o potencial natural dos solos é aproveitado. Por essa razão, a Agroecologia depende muito da sabedoria de cada agricultor desenvolvida a partir do acúmulo de suas experiências e observações locais (PRIMAVESI, 2008).

Foi perguntado à D. Anísia, o quê, além das condições do solo e da diversidade produtiva, havia melhorado após a transição agroecológica: o fato de não precisar usar produtos químicos para produzir e a certeza de conhecer o alimento que se está consumindo, resumindo, a segurança alimentar.

Resultados

Constatou-se a importância de organizações como O CAV, que proporciona o conhecimento de técnicas alternativas de plantio e manipulação do solo aos agricultores/as e os intercâmbios entre os mesmos que possibilita um espaço de grande aprendizado em como lidar com o solo que se tem sem uso de agrotóxicos, o dialogar com a natureza entendendo seus processos, respeitando seu tempo e não utilizando técnicas de domínio. O valor do trabalho da mulher e de sua sensibilidade para com a terra e a sustentabilidade alimentar da família

Muitos não acreditavam que esta experiência daria certo. Esse processo de transição inicial se torna mais difícil porque tudo é muito novo, e a principal barreira a ser vencida é a de acreditar que todas aquelas práticas de manejo diferentes vão dar certo, contando com a paciência e dedicação de D. Anísia ao observar a evolução daquele sistema. Hoje a propriedade conta com uma rica diversidade de espécies em seu quintal agroflorestal – de onde a família tira a maior parte de sua alimentação – incluindo algumas espécies nativas.

Pode-se concluir, a partir da experiência dessa família que é possível construir um ambiente saudável de trabalho, onde agricultores e agricultoras tenham autonomia na gestão de seus sistemas alimentares. Ressaltando a importância da atuação das mulheres nesses sistemas, que através da observação, do cuidado com o ambiente e manutenção da diversidade, organizam um sistema que forma a base da segurança e soberania alimentar.

Agradecimentos

À Dona Anísia e ao Sr. Mauro, pela contribuição durante todo o tempo do trabalho, acreditarem junto comigo que este trabalho daria certo. Ao CAV e ao prof. Marivaldo, pela orientação, por e pelas certas dicas. Aos grupos de pesquisa: JEQUI-GEPIMG/UFVJM. E a professora Rosana Passos Cambraia.

Bibliografia

SOUZA, J. E., SILVA, A. F.; **Princípios da Agrofloresta**.p.9. In: Agricultura agroflorestal ou agrofloresta. Recife: Centro Sabiá, 2007

PRIMAVESI, A. M.; **Agroecologia e Manejo do Solo**.Revista Agriculturas: experiências em agroecologia, v.5, n.3, 2008.

SOUZA, H. N.; **Sistematização da Experiência Participativa com Sistemas Agroflorestais: Rumo à Sustentabilidade da Agricultura Familiar na Zona da Mata Mineira** – Tese Mestrado – Viçosa (UFV), 2006